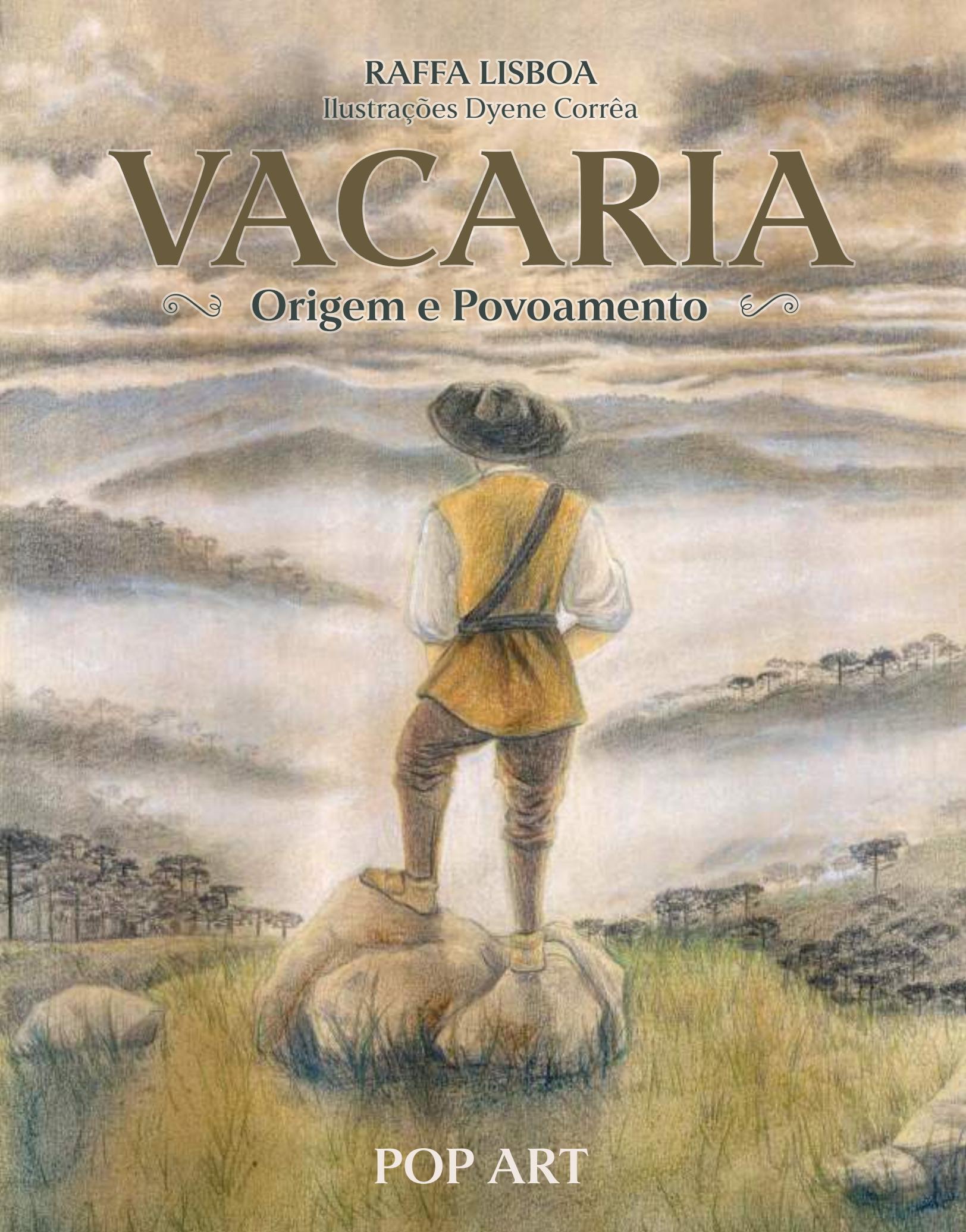


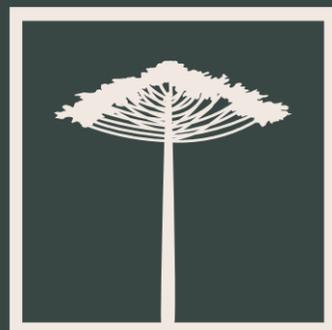
RAFFA LISBOA
Ilustrações Dyene Corrêa

VACARIA

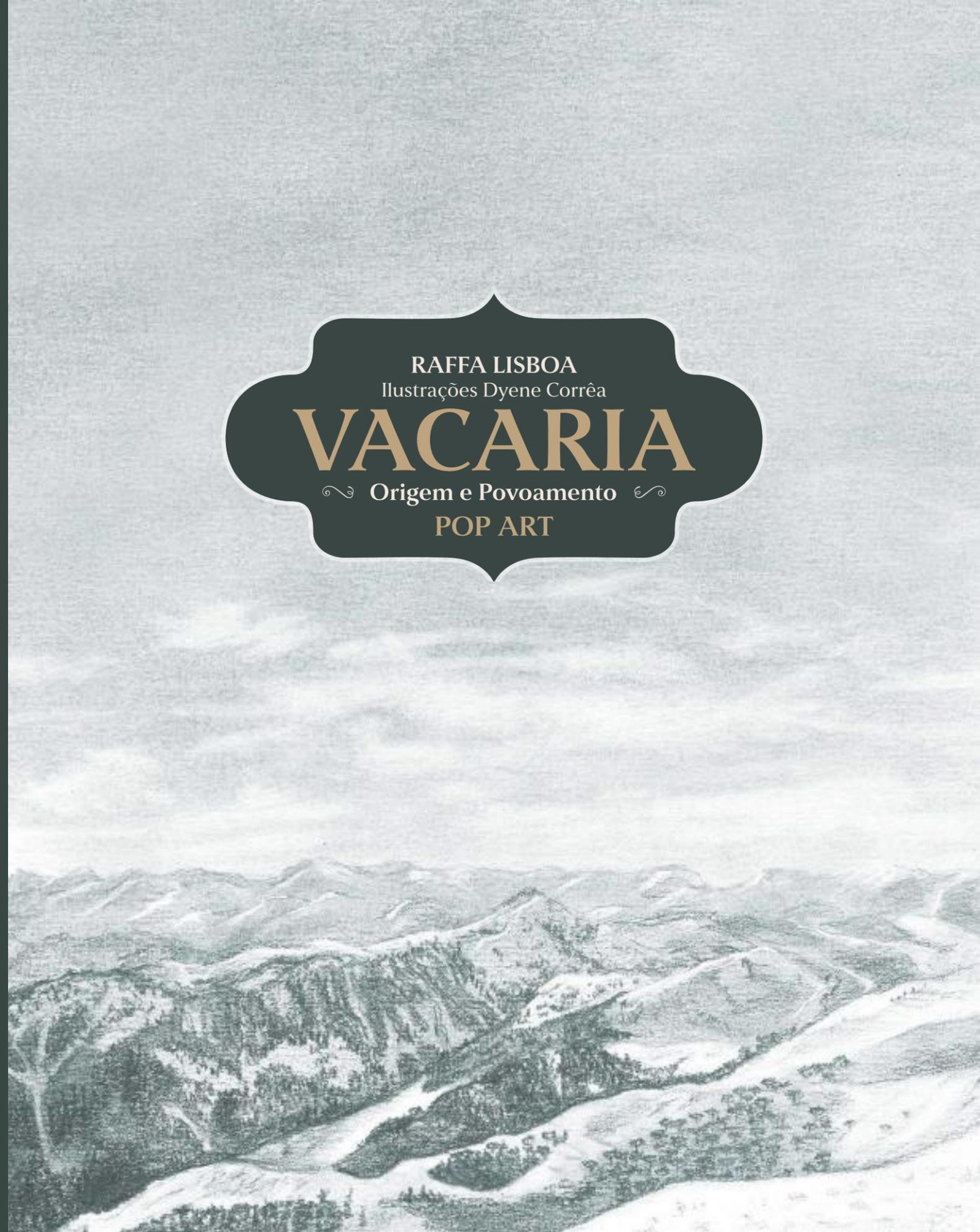
❧ Origem e Povoamento ❧



POP ART



RAFFA LISBOA
Ilustrações Dyene Corrêa
VACARIA
Origem e Povoamento
POP ART



VACARIA ORIGEM E POVOAMENTO

© Rafael Lisboa Grazziotin
1ª edição 2024: 2024
Título: Vacaria, Origem e Povoamento
Todos os direitos reservados.

Escrito por Raffa Lisboa
Ilustrado por Dyene Corrêa
Diagramado por Rodrigo Bedin de Oliveira (MTB 14.463)

Impressão e Acabamento: Lorigraf Gráfica e Editora

Dados Internacionais de Catalogação na Fonte (CIP)
Biblioteca Pública Municipal Dr. Demetrio Niederauer
Caxias do Sul, RS

L769v Lisboa, Raffa
Vacaria : origem e povoamento / Raffa Lisboa.
- Caxias do Sul, RS : Lorigraf, 2024.
64 p.

ISBN: 978-65-86717-43-3

Vacaria (RS) - História. I. Título

24/06

CDU 981.652Vacaria



(2024)
Todos os direitos reservados à
Raffa Lisboa

SUMÁRIO

- APRESENTAÇÃO -
Laurita Baldi Nery

07

- PARTE I -
1699 - A Vaqueria de Los Piñares

11

- PARTE II -
1768 - A Freguesia de Vaccaria

25

- PARTE III -
Notas & Anexos

55



APRESENTAÇÃO

Laurita Baldi Nery



Vacaria – Origem e Povoamento é uma grata surpresa. Tanto pelo ponto de vista literal, agregando uma narrativa simples e clara, quanto pela beleza das suas ilustrações, remetendo-nos com gosto aos primórdios de uma Vacaria íngreme, obscura e autêntica.

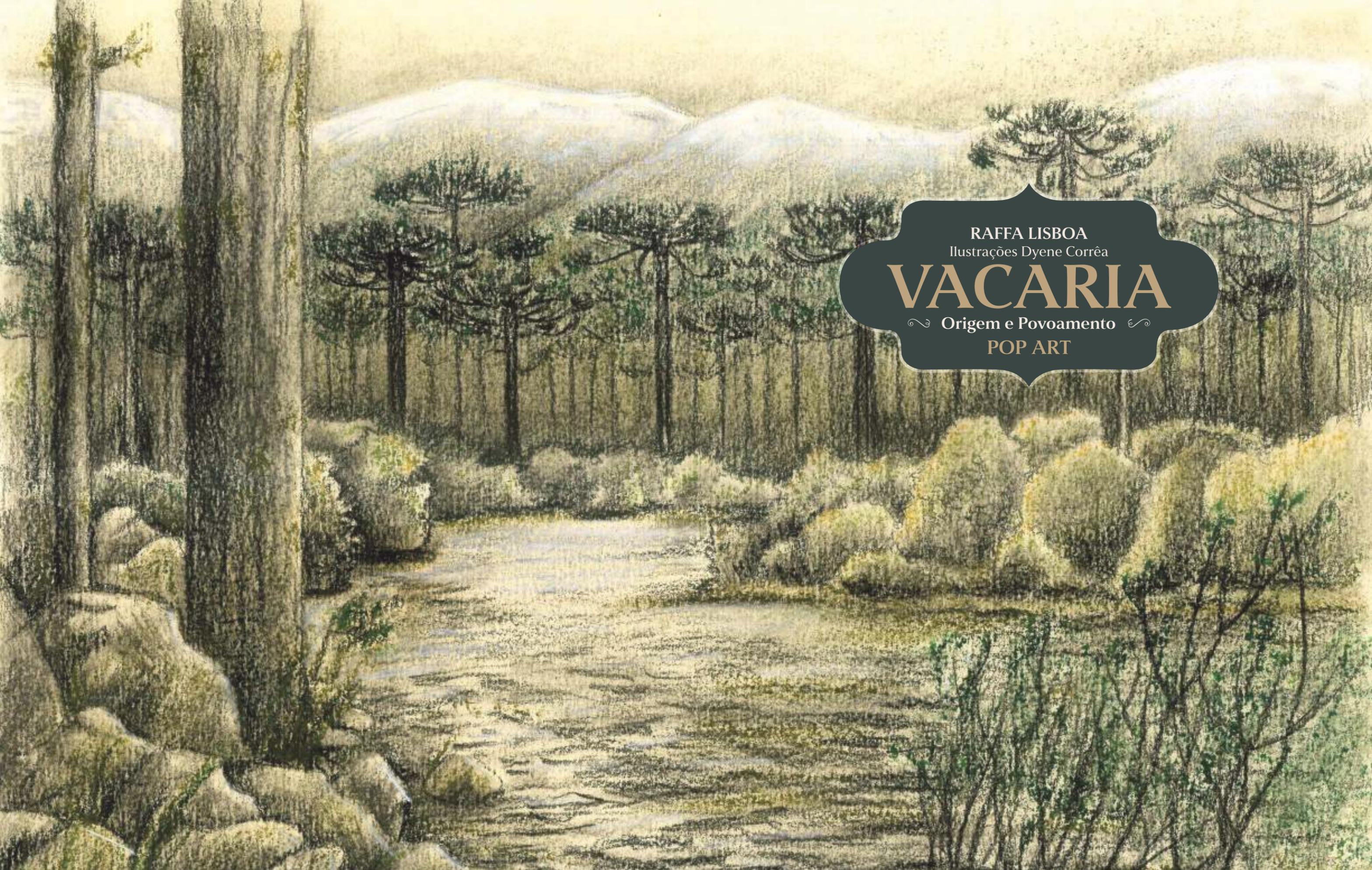
Impossível não nos deixarmos levar para viagens no tempo dentro da envolvente história de nascimento das paragens vacarianas. Viagens capazes de nos posicionar historicamente frente a eventos responsáveis pela preservação de muitos aspectos de uma época peculiar e, fatalmente, ao sucumbir de outros.

Acima de tudo, esta obra é um resgate das nossas raízes,

nossa história e nossa cultura, dentro de um panorama dinâmico, onde a compreensão dos fatos é imediata. Fatos que são naturalmente oriundos de relatos cativantes, levando-nos a conhecer intimamente o âmago do gaúcho – o povoador da antiga Vila.

Raffa Lisboa nos surpreende com este belo presente para Vacaria, enchendo-nos de curiosidade do início ao fim de uma leitura que se torna a cada cena mais cativante e sedutora. Vale a pena mergulharmos nessa complexa e, ao mesmo tempo, acessível trama. E que venham várias outras, se entrelaçando e se completando até chegar aos cenários atuais. Vacaria merece!





RAFFA LISBOA

Ilustrações Dyene Corrêa

VACARIA

~ Origem e Povoamento ~

POP ART

PARTE I



1699

A VAQUERIA DE LOS PIÑARES

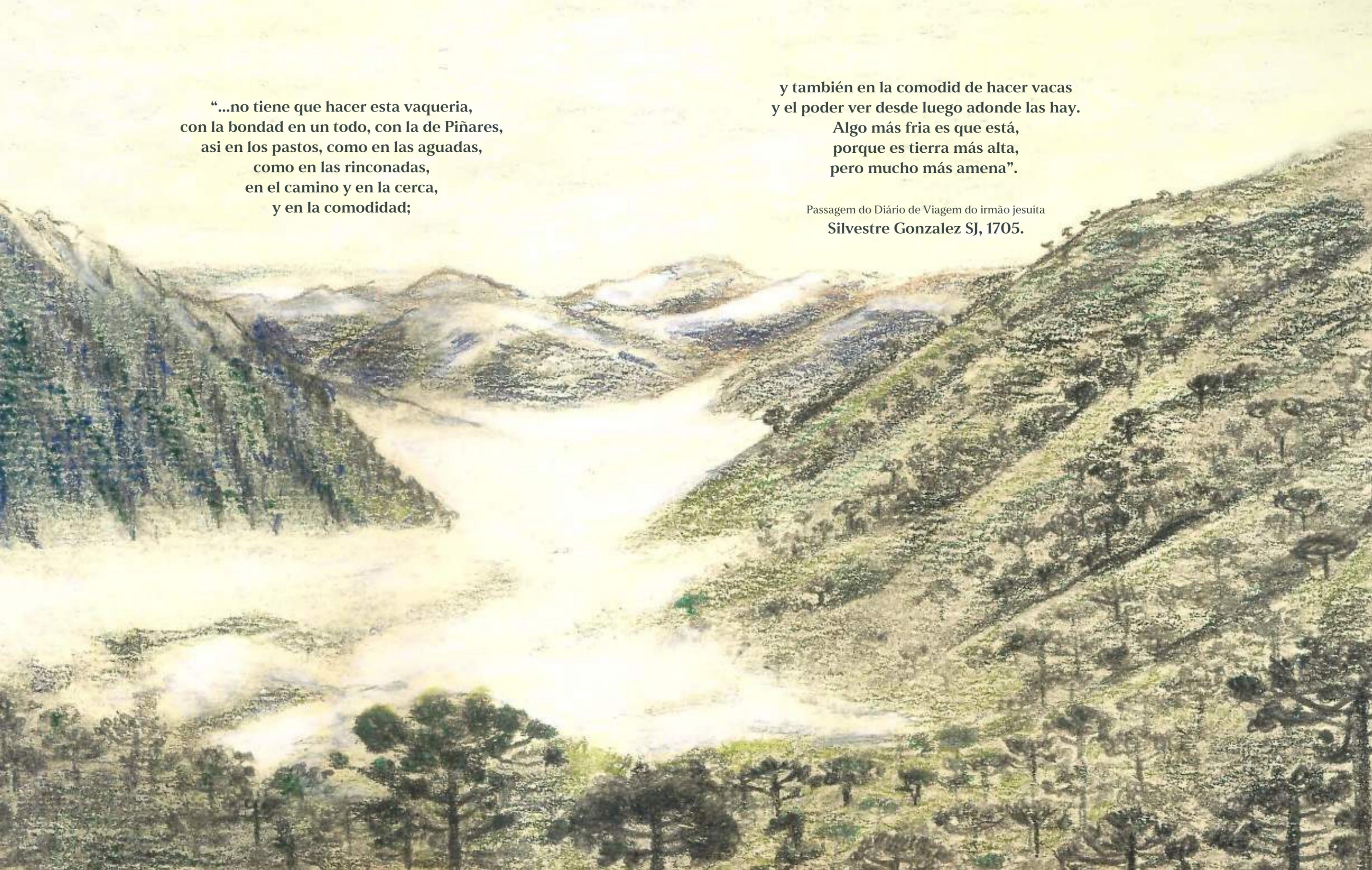


**“...no tiene que hacer esta vaqueria,
con la bondad en un todo, con la de Piñares,
asi en los pastos, como en las aguadas,
como en las rinconadas,
en el camino y en la cerca,
y en la comodidad;**

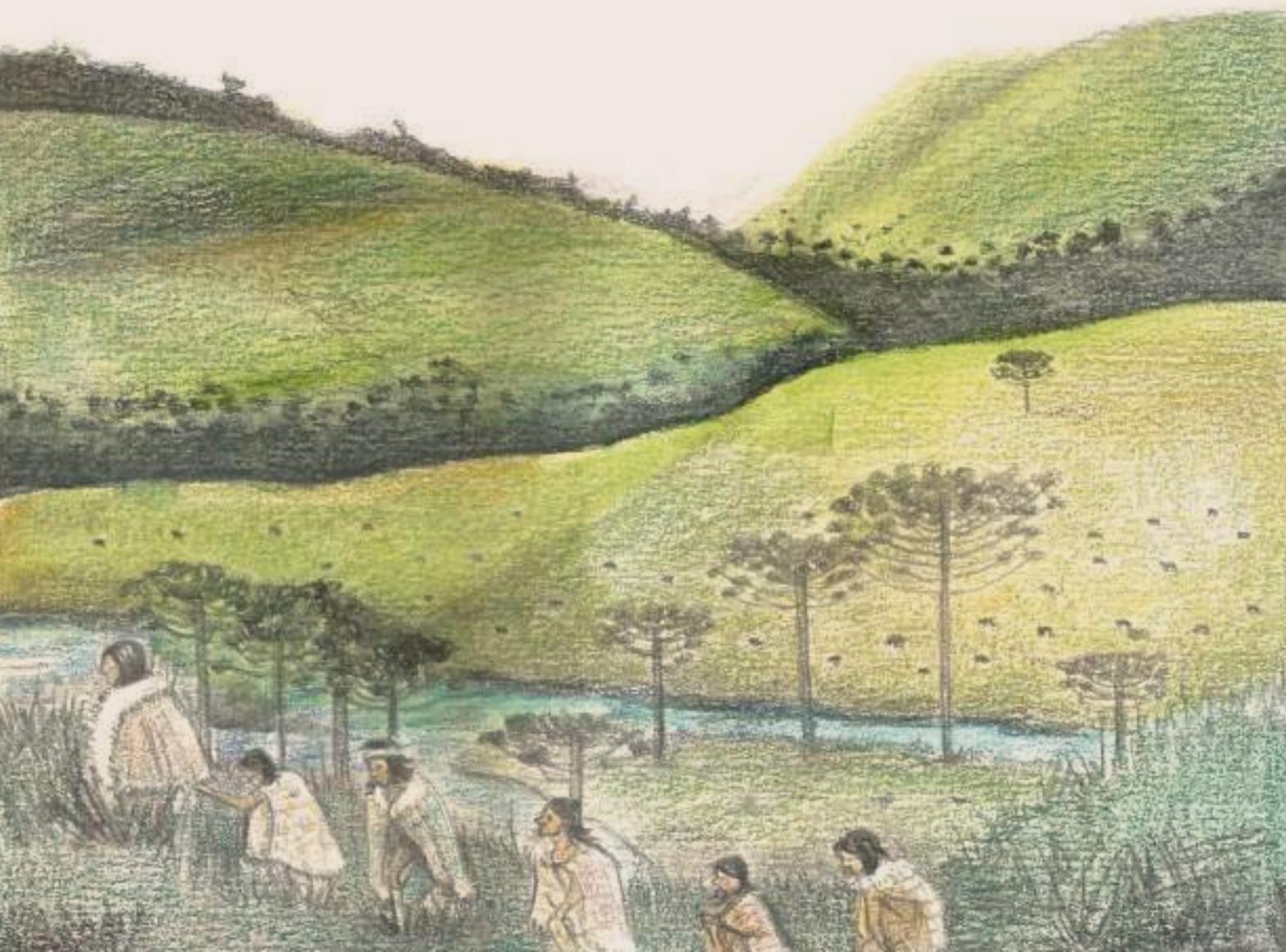
**y también en la comodid de hacer vacas
y el poder ver desde luego adonde las hay.**

**Algo más fria es que está,
porque es tierra más alta,
pero mucho más amena”.**

Passagem do Diário de Viagem do irmão jesuíta
Silvestre Gonzalez SJ, 1705.



Os Campos de Cima da Serra eram habitados por grupos indígenas associados à família lingüística Jê, antepassados dos Kaigangs e Xoklengs.



O território era habitado por comunidades nativas de caçadores e coletores de pinhão, do grupo Jê. Eram antepassados dos Kaigang e Xokleng.

Esses grupos nativos, inicialmente, viviam entre os rios Uruguai e Iguaçu aos longo das matas de araucárias. Sobreviviam da coleta de pinhão, do mel, além das práticas caçadoras, pescadoras e horticultoras.

Sua estrutura social era baseada em famílias numerosas. Por vezes se formavam pequenas comunidades, que geralmente não ultrapassavam uma centena de indivíduos vivendo em "casas subterrâneas".

Como caçadores, eles eram extremamente nômades, seguindo em frente enquanto suas presas viajavam. O líder de cada grupo, o cacique, ficava encarregado de orientar a caça e o grupo.

A chegada e adoção do cavalo como meio de transporte, por alguns nativos, modificaria profundamente as tecnologias indígenas na região. Devido a esse fator, por volta de 1699, alguns nativos aliaram-se aos jesuítas e guaranis, prestando-lhes auxílio na demarcação territorial e defesa do gado na origem da Vacaria do Pinhais.



Os habitantes originários da região,
moravam em casas subterrâneas,
cujas evidências podem ser encontradas pela região.





Após constante roubo de gado praticado pelos colonos portugueses e espanhóis nas terras da antiga Vaqueria del Mar, os jesuítas começam a abandonar a criação de gado naquela região e decidem procurar outro lugar para abastecer as reduções.

Eles encontram na região dos campos de cima da serra um ambiente adequado para uma nova vaqueria e assim dificultar a ação predatória dos caçadores de couro.

Antes de 1699 a região era apenas vigiada pelos guaranis que viviam nas reduções. Mesmo antes da criação da nova vacaria, o território já tinha uma importância estratégica para a Coroa espanhola, a qual tinha segundo o antigo Tratado de Tordesilhas o direito de exploração dessas terras.

Uma região protegida por densas florestas de araucárias se mostrou formidável para a empreitada. As árvores nativas serviram de inspiração para os jesuítas ao nomear o território: *A Vaqueria de los Piñares*.

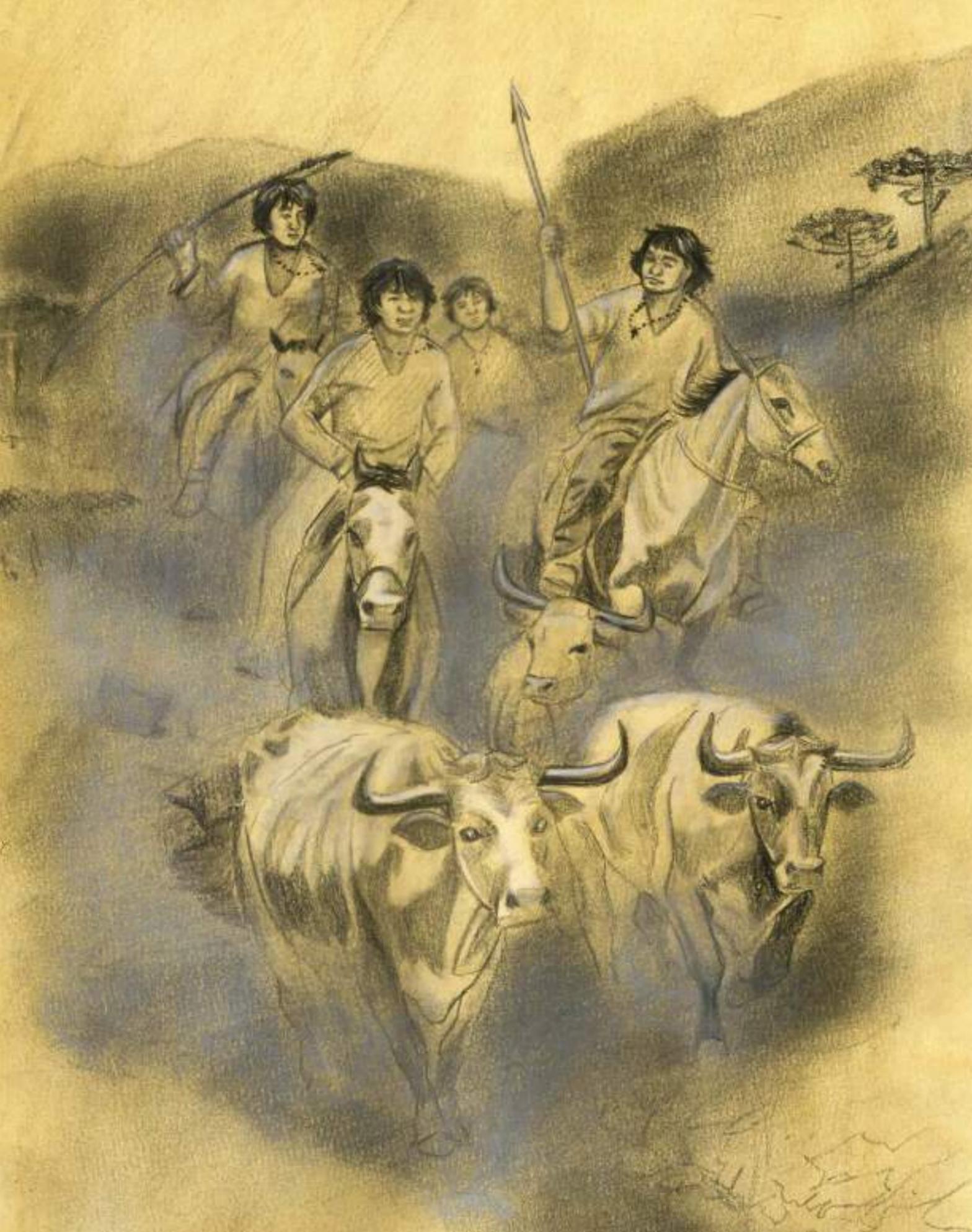
No final do século XVII, os jesuítas e guaranis começam a explorar a região e realizar algumas demarcações nos campos de cima da serra. Mas só começam a introduzir as primeiras levas de milhares de cabeças de gado nos primeiros anos do século XVIII.

Por volta de 1700, toda esta região era circundada por densas florestas de araucárias, onde os animais tinham ambiente favorável para a reprodução. Os jesuítas deram a região o nome de Vaqueria de los Piñares.

Em 1750 as coroas portuguesa e espanhola assinam o Tratado de Madrid. Portugal entrega a Colônia do Sacramento para os espanhóis, que em troca dão aos portugueses a região onde era ocupada pelas Missões e a Vacaria dos Pinhais.

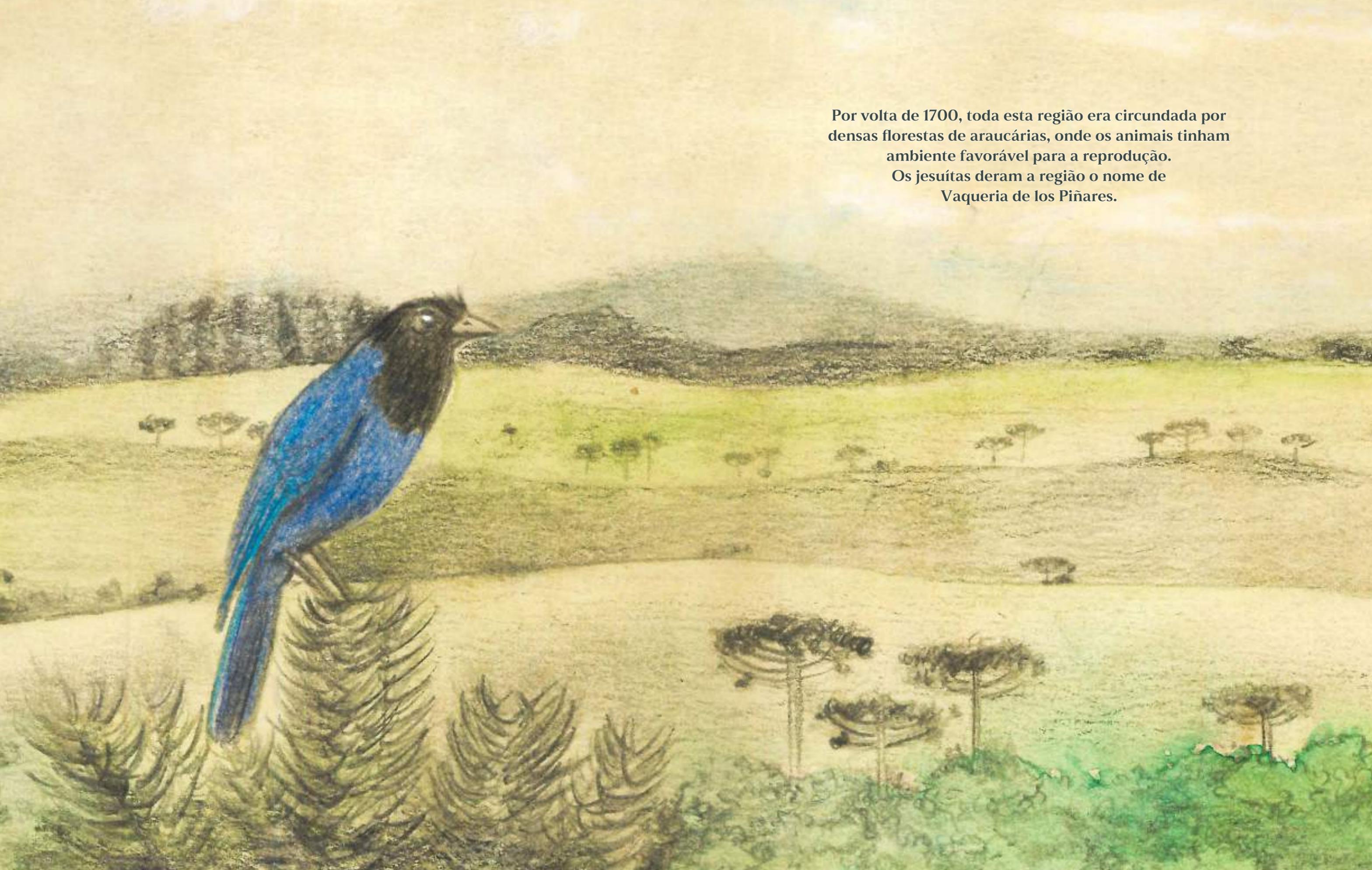
O Tratado teve consequência direta para os padres jesuítas e os guaranis, que foram forçados a abandonar seus lares. Houve uma tentativa de resistência por parte dos missioneiros, que foram atacados selvagemmente pelos exércitos portugueses e espanhóis no conflito conhecido como Guerra Guaranítica e resultou na destruição das reduções.





“ Os povos de San Lourenço, San Luís e San Miguel exploraram em demasia a Vacaria dos Pinhais, entre 1706 e 1715, aproximadamente, visando melhorar suas estâncias. Diante disto, o Provincial Luís de Roca (1713-1717) ordenou que cessasse a exploração do gado desta área e também que os povos citados contribuíssem com no mínimo 40.000 cabeças para repor os animais retirados. Estes animais, aproximadamente 40.000 enviados por outras reduções, somariam 80.000. Esta retomada da vacaria, e a fundação de estancias, se justifica pelo temor de que os espanhóis e portugueses esgotassem os recursos da Vacaria do Mar, que sempre foi o centro dos conflitos entre jesuítas e colonos. A retirada descontrolada do gado e a crise causada por epidemias entre 1730 e 1740 podem explicar o abandono desta área como reserva de gado. ”

Por volta de 1700, toda esta região era circundada por densas florestas de araucárias, onde os animais tinham ambiente favorável para a reprodução. Os jesuítas deram a região o nome de Vaqueria de los Piñares.





PARTE II

1768

FREGUESIA DE VACCARIA

“...avistei, muito além, as cumiadas da Serra Geral,
cobertas de nevoeiro esbranquiçado.

A grande cordilheira se eleva a oeste dessa planície e
quebra a monotonia da paisagem.

Passagem do diário de viagem do botânico francês
Auguste de Saint-Hilaire ao cruzar pela
Capitania de Rio Grande de São Pedro em direção
à Montevideu em **1820**.





“ No início do século XVIII, em meio à delimitação das fronteiras meridionais do Brasil, diante da necessidade de avançar sobre as Missões Jesuíticas e consolidar os domínios territoriais já conquistados aos espanhóis – Colônia do Sacramento, São Pedro do Rio Grande e o litoral de Santa Catarina – Portugal percebeu que, para levar a bom termo seu projeto expansionista, seria preciso efetivar a ligação por terra entre essas regiões e povoá-las. [...]”

Para levar a cabo tamanha empreitada, tornou-se imprescindível incorporar aos domínios da Coroa Portuguesa os Campos de Lages e de Cima

da Serra, incluindo a área conhecida como Baqueria de los Piñares – denominação primitiva do atual município gaúcho de Vacaria, que, traduzida do espanhol, significa “Vacaria dos Pinhais”, referência às matas de araucária da região onde abundavam rebanhos de gado vacum em estado selvagem. Esses campos encontravam-se até então despovoados pelos portugueses e eram visitados esporadicamente pelos guaranis missioneiros, que vinham em busca de gado aí existente, destinado ao abastecimento das estâncias das reduções jesuíticas do rio Uruguai. ”



Apesar de toda a terra ter dono, as poucas estâncias
eram uma espécie de povoado perdido,
como um oásis na solidão dos campos.





O povoado de Vacaria tem sua origem vinculada a política de expansão do território português em direção à região oeste e noroeste, as margens do Rio Uruguai logo após a assinatura do Tratado de Madrid em 1750, entre as coroas de Portugal e Espanha.

Após o Tratado de Madrid, as primeiras sesmarias da região foram concedidas a tropeiros e aventureiros que se deslocavam de Laguna e Lages para caçar o gado selvagem deixados pelos jesuítas ao longo das planícies dos campos de cima da serra.



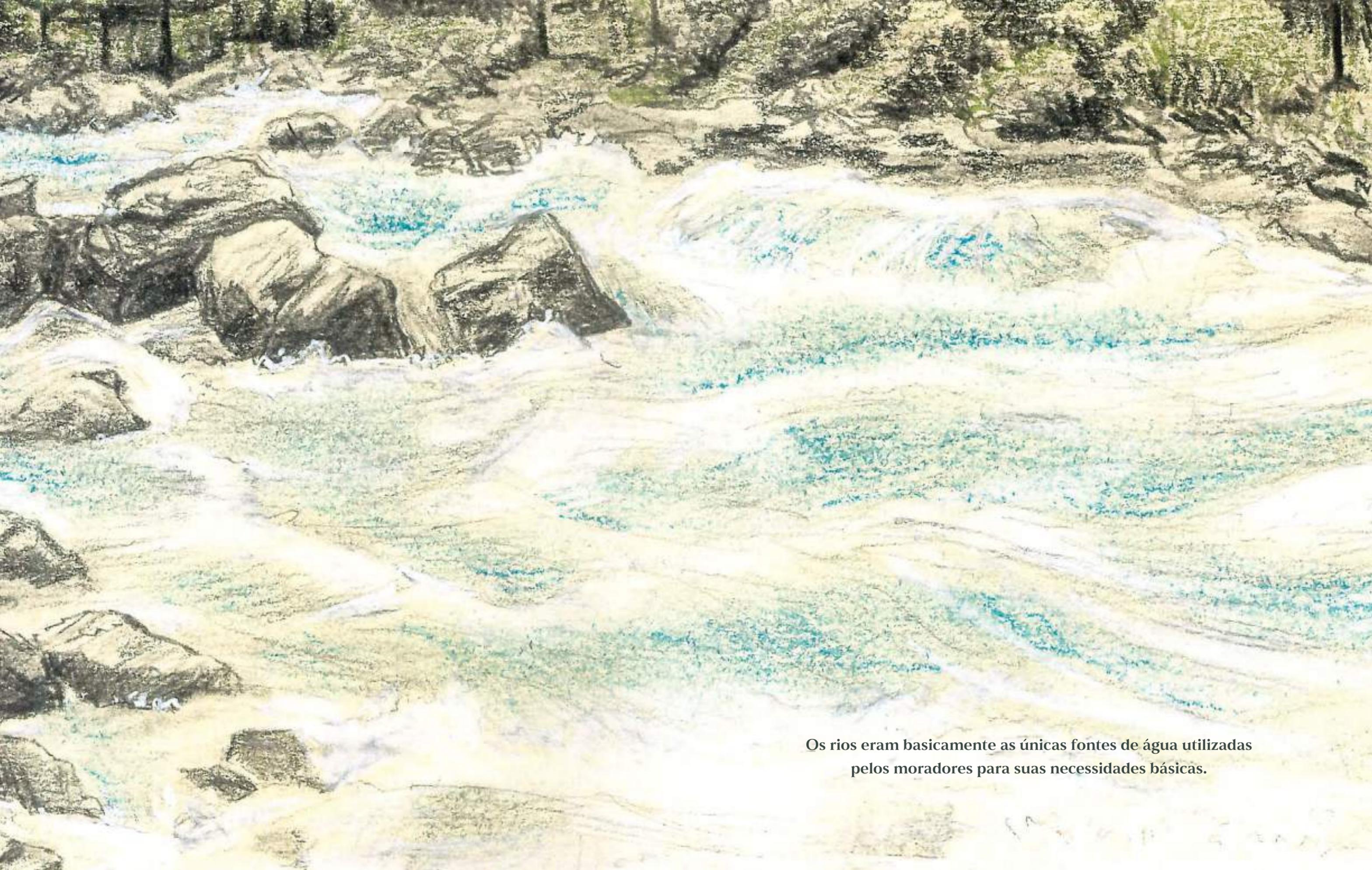


A pesar da documentação oficial sugerir que os primeiros colonizadores portugueses se assentaram na região de Vacaria somente logo nos primeiros anos após a assinatura do Tratado de Madrid com concessões de sesmarias, alguns indícios apontam que os portugueses já exploravam a região por volta de 1730 e 1740, em busca do gado selvagem, quando os jesuítas e povos missionários aparentemente abandonaram a vigilância sobre seus rebanhos de gado na região.

Entre os indícios, dois se destacam: o primeiro é um mapa de 1751 que aponta para a origem da capela e povoado

de Nossa Senhora da Oliveira em 1735, ou seja, quinze anos antes do Tratado de Madrid. Outro é uma passagem do diário de viagem do botânico e explorador francês Auguste de Saint-Hilaire quando esteve em Porto Alegre. Segundo o botânico *“um padre espanhol, amigo da verdade, que foi obrigado a deixar Entre Rios, refugiando-se em Porto Alegre, devido às suas ideias fiéis ao Rei, assegurou-me que antes mesmo das primeiras hostilidades os estancieiros portugueses lançaram-se sobre as terras dos espanhóis, daí levando grande número de bovinos”*.





Os rios eram basicamente as únicas fontes de água utilizadas pelos moradores para suas necessidades básicas.



Em 1768, época que a Freguesia de Nossa Senhora da Oliveira foi oficialmente estabelecida, a Capitania de Rio Grande de São Pedro não tinha mais que sete ou oito mil habitantes dispersos em pequenos povoados e núcleos de pequenas famílias que viriam a dar origem aos primeiros núcleos urbanos. Por toda a capitania havia não mais que 400 estâncias.

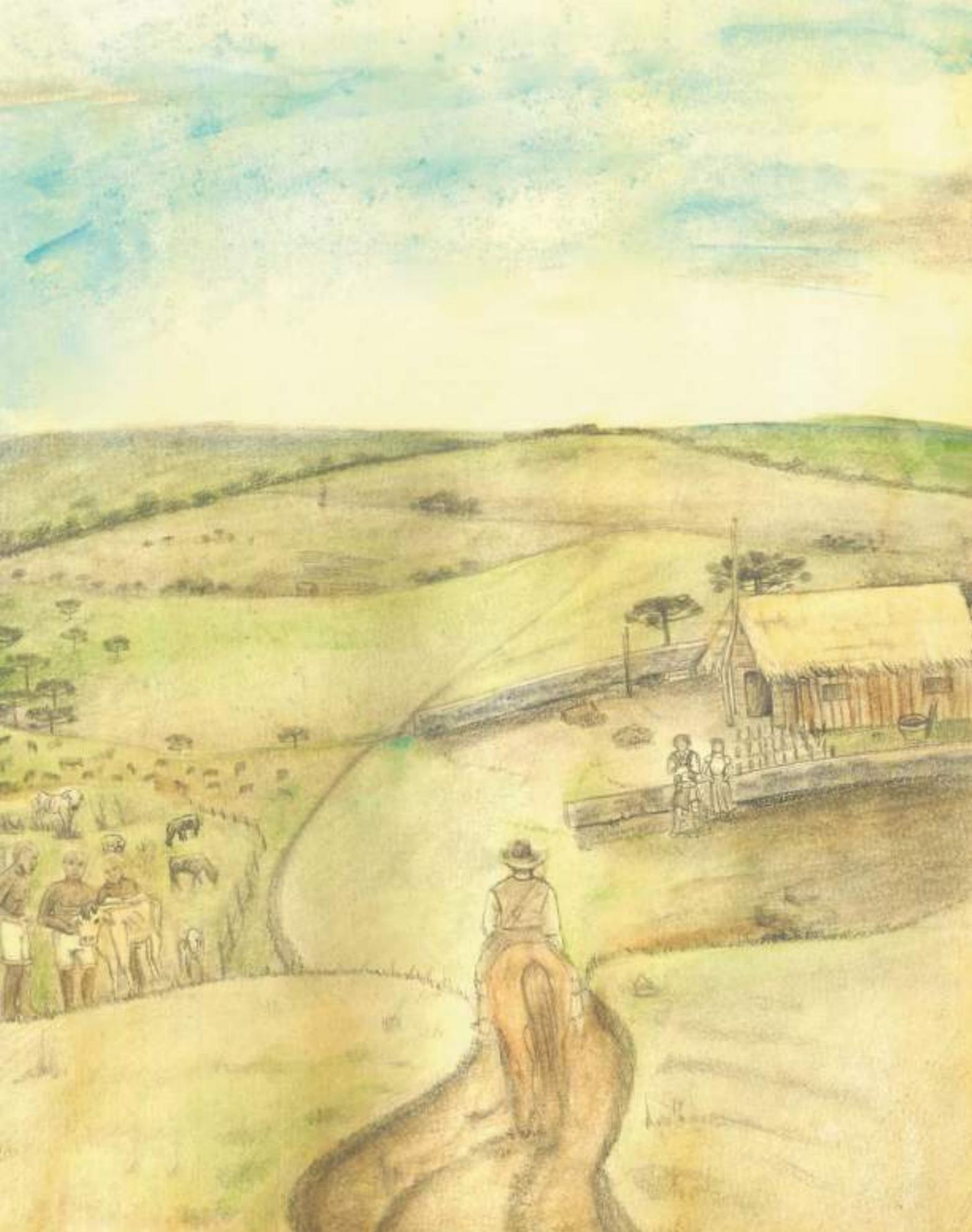
A Freguesia foi junto a Freguesia de São Francisco de Paula de Cima da Serra um dos principais núcleos povoados da região dos Campos de Cima da Serra no final do século XVIII.

Um dos motivos da coroa portuguesa para a rápida distribuição de sesmarias era

defender o território da Vacaria dos Pinhais da ação predatória de gaudérios *caçadores de couro*, que entre 1750 e 1780 estava desenfreada.

Outro motivo relacionado é que entre os períodos entre o Tratado de Madrid em 1750 e o Tratado de Santo Ildefonso em 1777 a Capitania de Rio Grande de São Pedro sofreu com a invasão do exército espanhol e teve seu território limitado às margens dos rios Jacuí, Guaíba e Rio Pardo, incluindo também as terras dos Campos de Viamão - onde estava situada a Capela Curada de Nossa Senhora da Oliveira - até o Rio Mampituba no litoral norte.





“É QUE NESTA REGIÃO TODA GENTE, MESMO POBRE, INCLUSIVE OS ESCRAVOS, NÃO DÁ UM PASSO SEM SER A CAVALO”.

Auguste de Saint-Hilaire

Nesses primeiros anos da recém criada freguesia, a região começa a receber novos

habitantes com um pequeno surto de crescimento populacional. Ondas migratórias vindas de cidades como – Lages, Castro, Laguna e Curitiba – chegam para se assentar na Freguesia de Vacaria e a população aumenta consideravelmente.

A partir de 1768, imigrantes portugueses se fixaram na região, e com o tempo, o povoado começou a se fragmentar em extensões menores e fazendas.

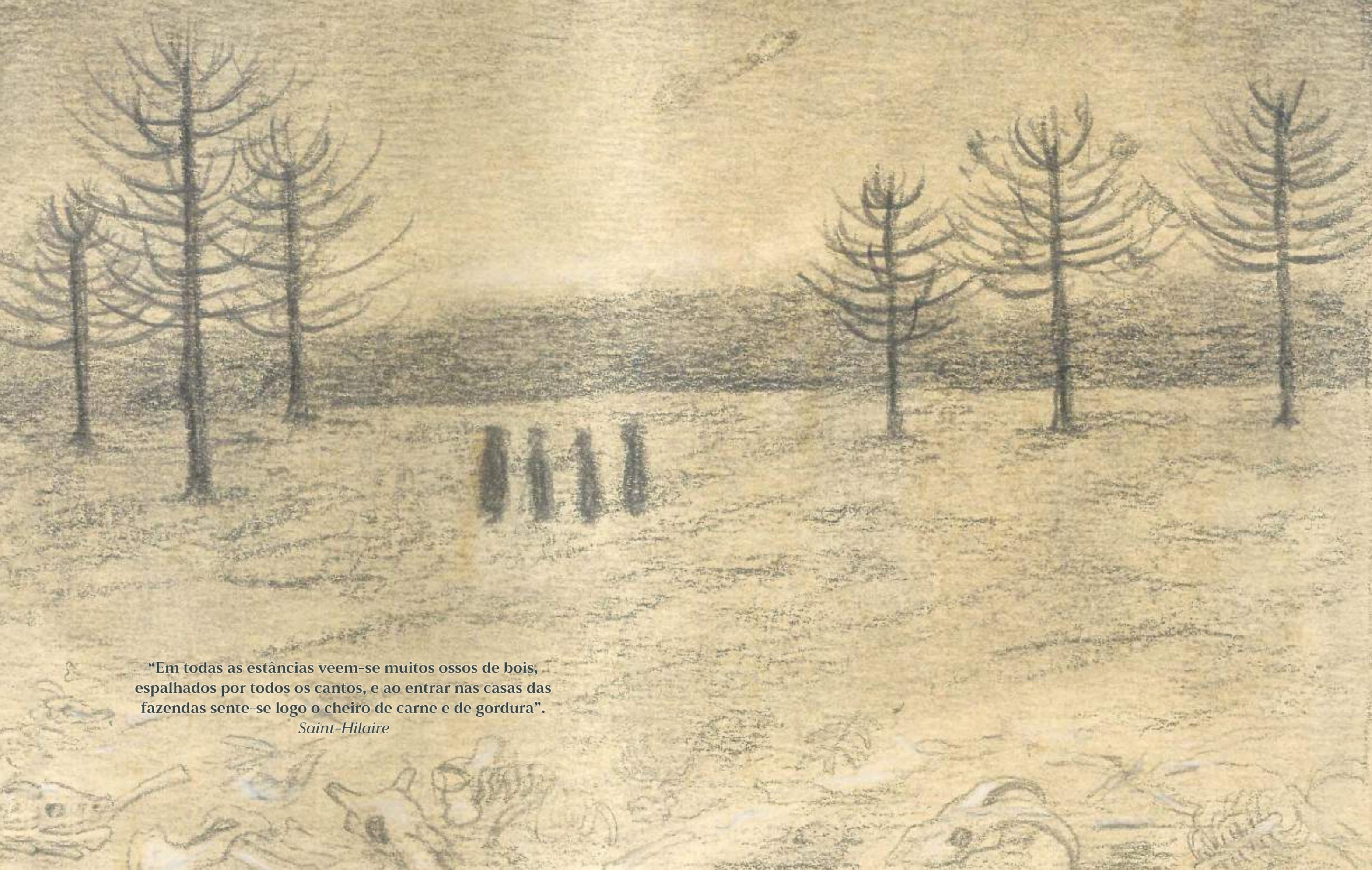
O estilo de vida da maioria das pessoas da capitania era semelhante e combinavam a pecuária com a agricultura, embora a estrutura social fosse amplamente organizada com as exigências das guerras frequentes com os espanhóis.

A pecuária não dava muito trabalho para os primeiros estancieiros de Vacaria. Os rebanhos eram deixados livres pelos campos e pastos, em completa liberdade. A única atividade que mais exigia era a prática de “fazer rodeio”, onde aos gritos reuniam os animais, periodicamente, em locais cercados por estruturas de madeira que era conhecida como “rodeio”.

Embora as famílias gozassem de autonomia ao longo dos povoados e estâncias durante tempos de paz, elas se uniam sob o comando de um chefe militar que era encarregado de liderar legiões de soldados e peões na defesa das terras.

Os cavalos eram fundamentais para o transporte e a guerra. Por passarem grande parte do tempo a cavalo, os habitantes muitas vezes negligenciavam o trato com esses animais.





“Em todas as estâncias veem-se muitos ossos de bois,
espalhados por todos os cantos, e ao entrar nas casas das
fazendas sente-se logo o cheiro de carne e de gordura”.

Saint-Hilaire



PORTARIA DA CRIAÇÃO DA FREGUESIA DE NOSSA SENHORA DA OLIVEIRA DA VACARIA.

REGISTRO DE PORTARIA DE EREÇÃO DE UMA FREGUESIA NO LUGAR CHAMADO VACCARIA DESTRICTO DE VIAMÃO COM VARIAS FACULDADES ABAIXO DECLARADA.

DD. F. Antonio do Desterro por mercê de D.s e da Santa Sé AP.ca Bispo de Rio de Janeiro, e do Conselho de S. Mag.e Fidelissima etc. Aos que apresente nossa Portaria virem saúde, e benção em o Senhor, que de todos He o Verdadeiro Remedio, e Salvação. Fasemos saber que attendendo Nos ao que por parte dos moradores do Certão da Vacaria destricto de Viamão deste nosso Bispado nos foy representado que elles padecião a desconsolação de não terem Parocho, que lhes administrasse os Sacramentoz, por ficarem em extraordinária distancia para qualquer Freguesia, a que quisessem recorrer, achando-se já bastantes estabelecidoz com suas Familiaz, e com esperança de que concorrão outros muitoz para o dito lugar, por ser este de grande extensão, e de sua natureza muito fértil, e produzir com abundância

todos os fructos da terra, pedindo-nos que para bem das suas Almas quizessemos erigir o dito lugar em Freguesia, concedendo-lhes licença para nelle no terreno, que se julgasse melhor, e mais commodo para todos poderem fundar huma Igr.a para Matriz com o titulo de N. Snr.a da Oliveira, para aqual já tinham tirado seis centos mil reis de esmolla em dinheiro e havia quem desse a Imagem de N. Snr.a e todos os paramentoz necessários para a celebração dos officios Divinos: e que outro si lhes mandássemos Sacerdote, que houvesse de servir de seu Parocho, ao qual offerecião para a sua sustentação a cõgrua annual de cento e trinta mil reis, aqual se obrigava por todos a satisfazer o Cap.am Antonio Pinto Carneiro, como com effeito se obrigou por clareza, que nos foy apresentada, havemos por bem de erigir, como pela presente nessa Portaria erigimos o dito lugar...





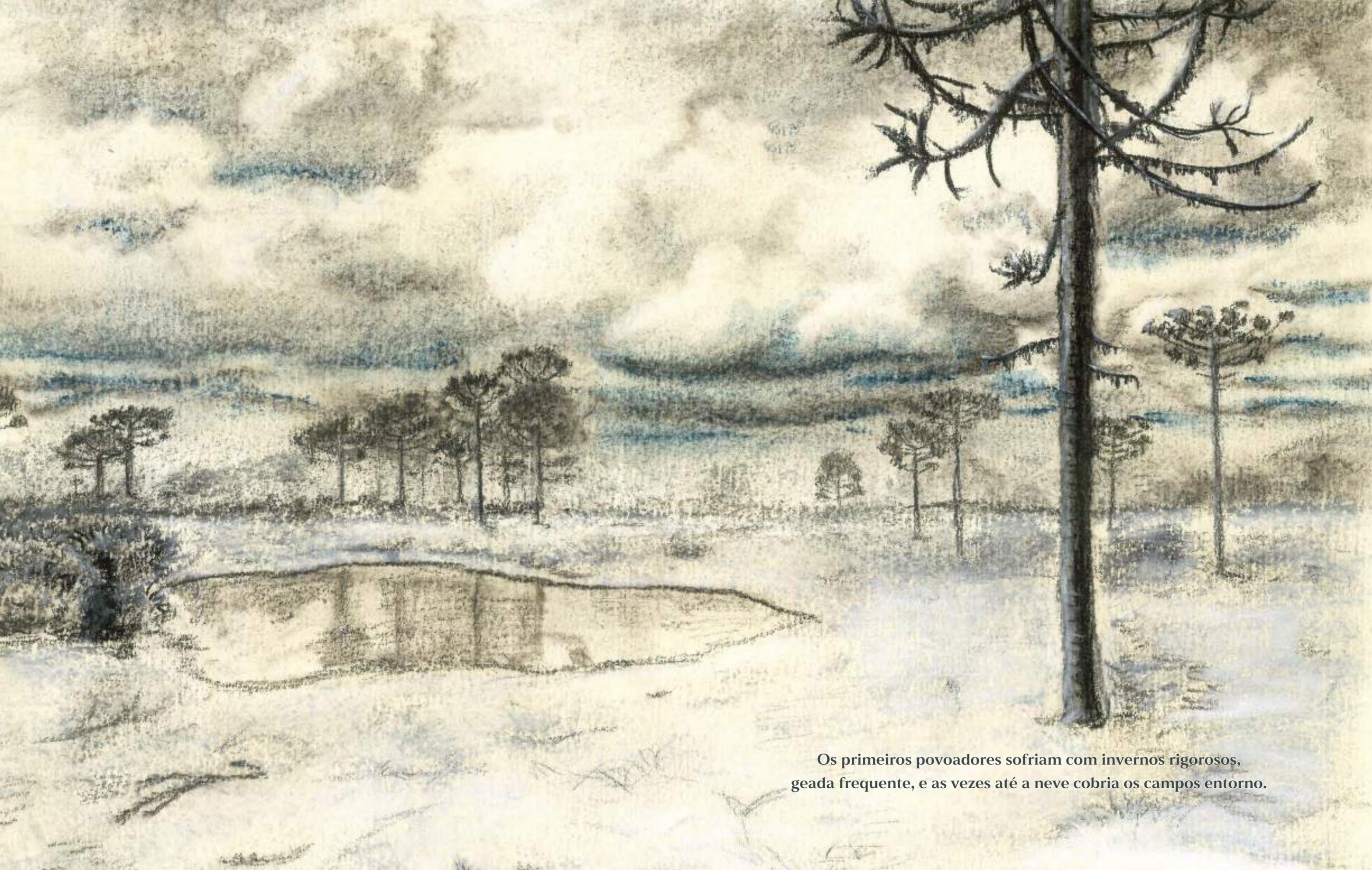
...da Vacaria em Freguesia, e concedemos aos seus moradores que possam erigir, e fundar huma Igreja para sua Matriz com a invocação pedida de N. Snr.a da Oliveira no terreno, que assignar o novo Parocho, que nomear-mos para a mesma Freguesia, ao qual concedemos licença para que em quanto não houver Igreja na referida Freguesia posta na quella perfeição, que He precisa para nella se celebrar, possa levantar altar em parte decente e nelle dizer Missa aos seus Fregueses e administrar-lhes todos os Sacramentoz: como também assignar lugar para Cemeterio e benzello para Sepultura dos Corpos: e finda a Igreja que se fundar para Matriz, e posta na perfeição devida, a poderá benzer na forma do Ritual o novo Parocho, ou o que então existir, assim como poderá usar das concessões acima qualquer que

for provido na referida nova Freguesia. E para constar será reg.do esta nossa Portaria da N. Camara Ecclesiastica, e no Livro do Tombo, ou da Fabrica da dita Freg.a. Dada nesta Cid.e do Rio de Janeiro sob o dito Signal e sello aos 20 de Dezembro de 1768 Rubrica da S. Ex.da Rvma, que dis Bispo = lugar do Sello = de mand.o de S. Ex.da Rvma Jose deSouza Marmello Secretario e não se continha mais cousa alguma na dita Portaria, que bem, e que fielmente aqui fiz registrar da própria à que me reporto.

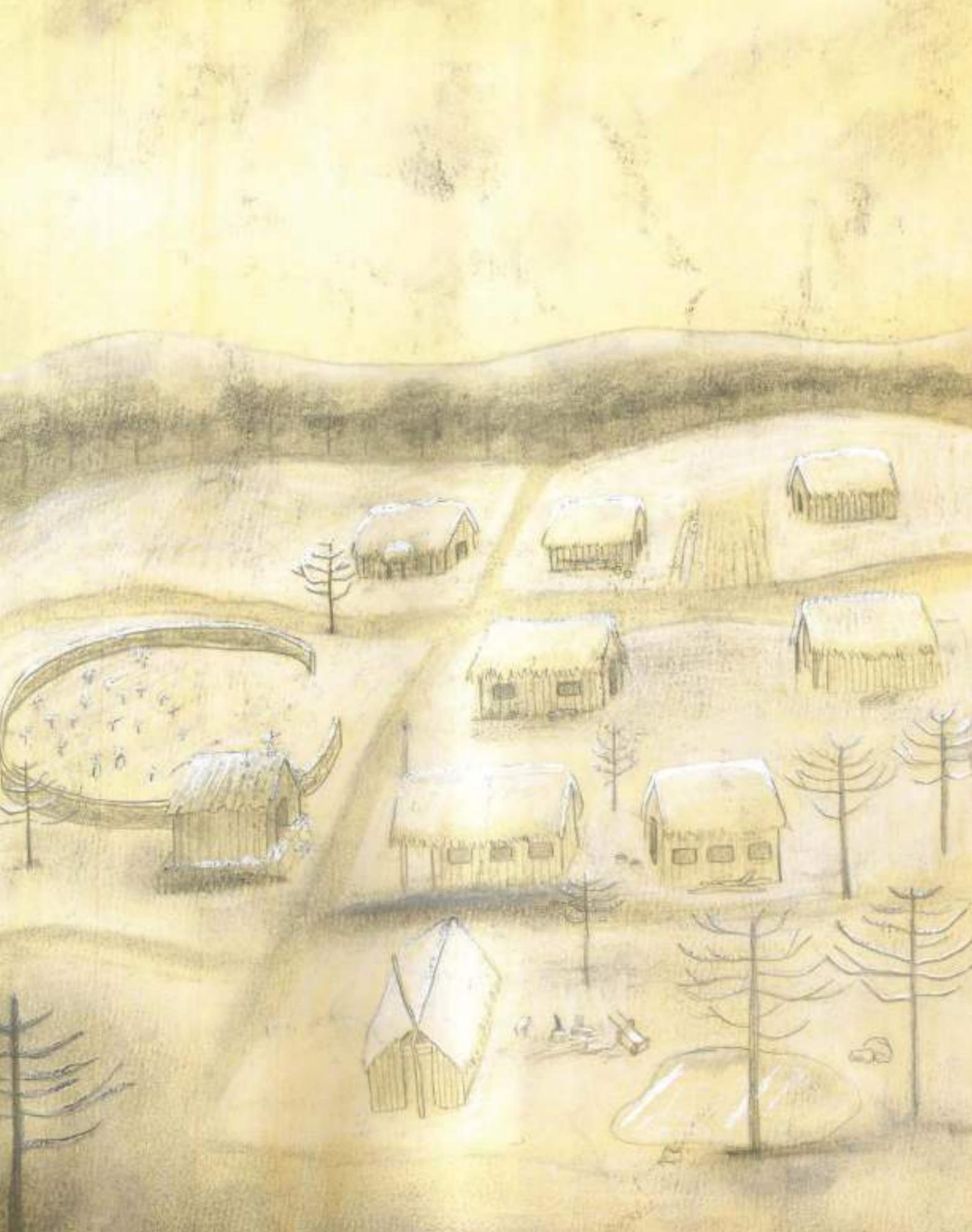
Rio de Janeiro 20 de dezembro de 1768. E eu o Padre Bernardo Jose Duarte Ferreira escrivão da Camara Ecclesiastica o subescrevi e assignei.

Bernardo Jose Duarte Ferreira





Os primeiros povoadores sofriam com invernos rigorosos, geadas frequentes, e as vezes até a neve cobria os campos entorno.



Na segunda metade do século XVIII, a Europa já estava na primeira fase da Revolução Industrial, mas a vida na região dos Campos de Cima da Serra, ainda era penosa, perigosa e extremamente precária.

Os poucos habitantes da freguesia se agrupavam em torno de algumas estâncias espalhadas pelos Campos de Cima da Serra em busca de se protegerem contra ataques dos nativos, espanhóis e caçadores de couro.

Os primeiros povoadores viviam em casas de pau a pique cobertas de palhas, sem muita mobília e isso piorava ainda

mais com invernos rigorosos, onde a geada e até mesmo a neve cobria os campos.

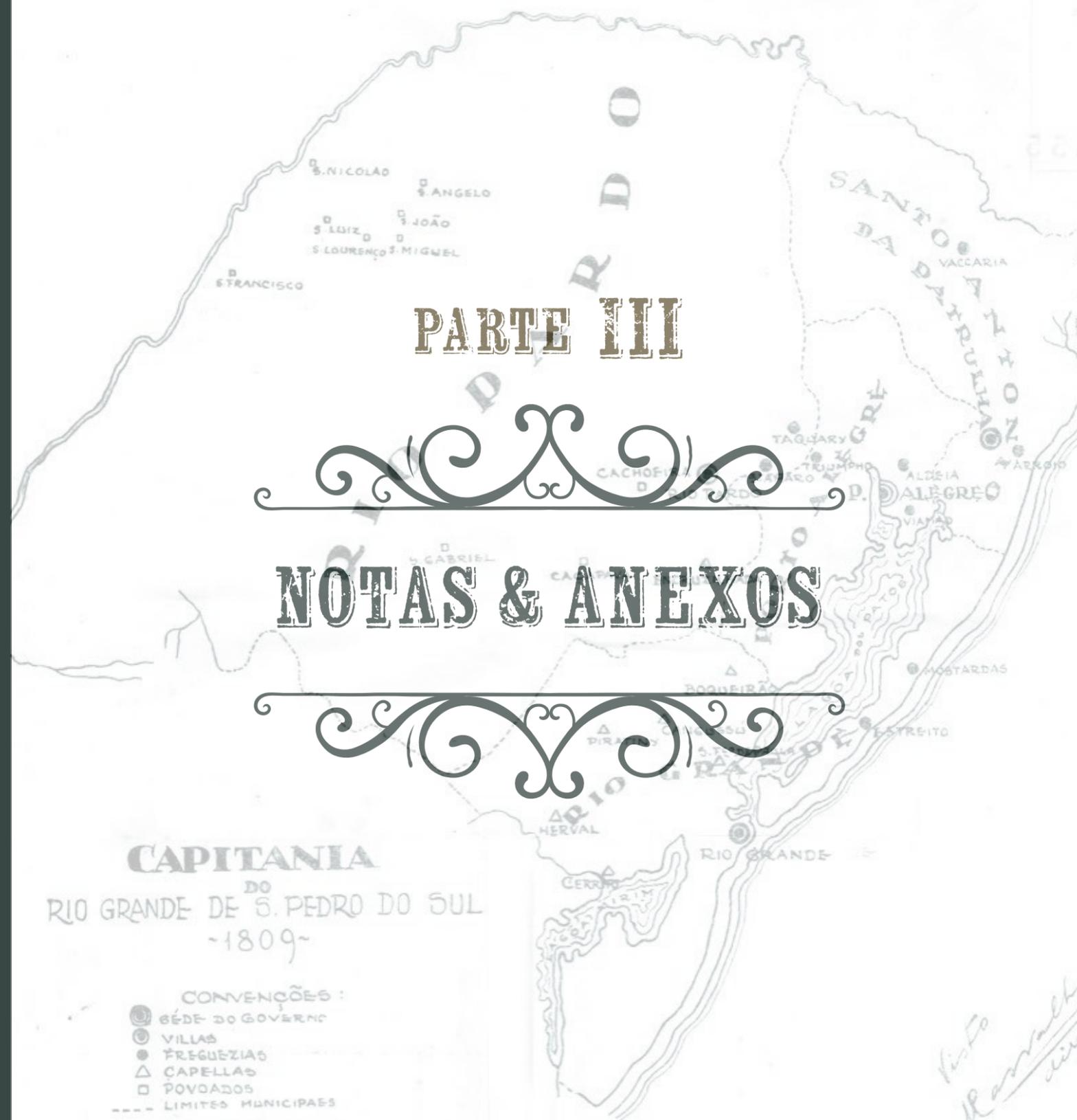
A vida nessa época era muito acanhada nos povoados espalhados pelos Campos da Vacaria. O abastecimento de água era feito diretamente dos rios e riachos mais próximos das moradias. Não havia esgoto, limpeza ou iluminação.

A vila de Vacaria era restrita ao redor da colina que hoje em dia é o centro da cidade, em torno da qual havia um colar de pequenas propriedades.



Na época do Brasil colônia, Vacaria se tornou importante no projeto expansionista de Portugal como posto comercial no Caminho das Tropas, que fazia ligação por terra entre as regiões de Viamão e Sorocaba.





PARTE III

NOTAS & ANEXOS

CAPITANIA DO RIO GRANDE DE S. PEDRO DO SUL -1809-

- CONVENÇÕES:
SEDE DO GOVERNO
VILLAS
FREGUEZIAS
CAPELLAS
POVOADOS
LIMITES MUNICIPAES

ESCALA: 1: 2500.000.

Visão
Mansueti
d'Almeida

Intuição, emoção e imaginação

Em 1908, o pintor italiano Giorgio de Chirico escreveu no seu autorretrato: *Et quid amabo nisi quod aenigma est?* Cujá tradução é “E o que devo eu amar, senão o enigma?”.

Quando estava cursando História na universidade comecei uma jornada de pesquisas sobre a história da formação da cidade de Vacaria.

Dois sentimentos conflitavam dentro de mim: primeiramente a frustração diante da escassez de documentos disponíveis para poder escrever o meu trabalho de conclusão de curso. Mas conforme o tempo foi avançado a frustração foi perdendo espaço para o fascínio pelo enigma. Muitas perguntas povoavam a minha cabeça; como eram e como viviam os povos nativos? Quem foram as primeiras pessoas a chegar para morar nos antigos Campos da Vacaria? Enfim, percebi que precisava me dedicar totalmente no futuro à exploração na busca por respostas para essas questões.

“Um objeto desperta o nosso amor simplesmente porque parece ser portador de forças maiores que ele mesmo”. A frase do artista plástico e escritor Jean Bazaine é

perfeita para descrever em poucas palavras a sublime sensação ao entrar em contato com alguns mapas da antiga Capitania de Rio Grande de São Pedro datados do século XVIII onde Vacaria é citada como um pequeno povoado desde pelo menos 1740.

Esse sentimento sublime só aumentou quando me deparei com um lindo desenho da artista Dyene Corrêa em uma rede social há alguns anos atrás.

Os traços que remetem aos pintores românticos eram perfeitos para ajudar a contar essa história de uma época que frequentemente tomava minha imaginação durante minhas pesquisas.

Apesar da proposta estética fora do padrão tradicional para um livro de história, a abordagem dessa narrativa foi pesquisada com o mesmo apuro de qualquer texto acadêmico.

Minha esperança é que você tenha tido momentos de imersão e contemplação através dessas páginas.

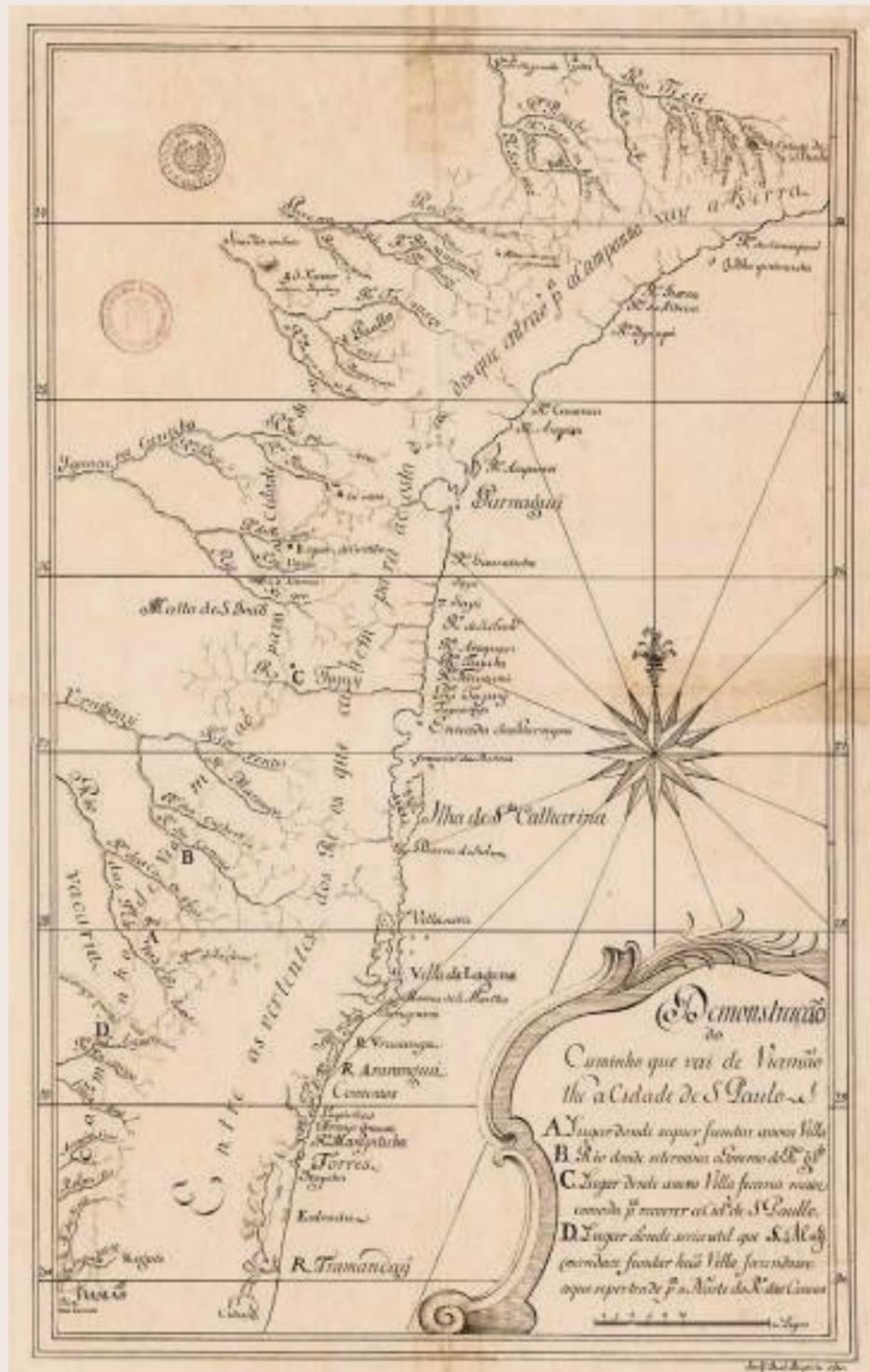
Raffa Lisboa



O Marco de pedra é uma evidência arqueológica datada do final do século XVII. Ela faz parte do acervo do Museu Municipal de Vacaria.



Mapa do Continente de Viamão (1751)
Fonte: Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul.



Demonstração do Caminho que vai de Viamão até a Cidade de S. Paulo (1766)
Fonte: Arquivo Histórico Ultramarino, Lisboa.



Mapa do Continente do Rio Grande (1780)
Fonte: Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul.

Referências Bibliográficas

BARCELOS, Artur Henrique Franco. **O Mergulho no Seculum: exploração, conquista e organização espacial jesuítica na América Espanhola Colonial**. 2006. 543f. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-graduação em História, Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Porto Alegre, 2006.

DUARTE, Manoel. **No Planalto: (Epizódios e paizajens sobre o Nordeste Riograndense)**. Porto Alegre: Globo, 1930.

HERBERTS, Ana Lúcia. **Arqueologia do caminho das tropas: estudo das estruturas viárias remanescentes entre os rios Pelotas e Canoas, SC**. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2009.

LUCCAS, Luís Henrique Haas. **Estâncias e Fazendas: arquitetura da pecuária no Rio Grande do Sul**. 1997. Dissertação. (Mestrado em Arquitetura) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul/UFRGS, Porto Alegre, 1997.

OLIVEIRA, José Fernandes. **Rainha do Planalto**. Editora São Miguel, 1959.

OLIVEIRA, Sebastião Fonseca de. **Memórias das fazendas serranas: história e genealogia**. Porto Alegre: Evangraf/Criação Humana, 2018.

SANTOS, Fabiano Teixeira dos. **A Casa do Planalto Catarinense: Arquitetura rural e urbana nos Campos de Lages, séculos XVIII e XIX**. / Fabiano Teixeira dos Santos. – 2. ed. Ver. e ampl. – Lages (SC): Fazer Gestão Cultural, 2020.

SCHLEE, Rodrigo Lobato. **Guasqueiro: a arte gaúcha do couro no apero crioulo** / Rodrigo Lobato Schlee, Fernanda Valente de Souza – 1.ed. – Pelotas, RS: Frutos do Paiz, 2022.

Viagem ao Rio Grande do Sul / Auguste de Saint-Hilaire – 2 ed. – Belo Horizonte, MG: Garnier, 2021.

Acervos

Arquivo da Cúria Diocesana de Vacaria/RS.

Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul (AHRS)

Biblioteca Central da Universidade de Caxias do Sul/RS.

Museu Municipal de Vacaria/RS.

Museu e Arquivo Histórico Municipal de Bom Jesus/RS.



Mapa da Capitania do Rio Grande de S. Pedro do Sul (1809)

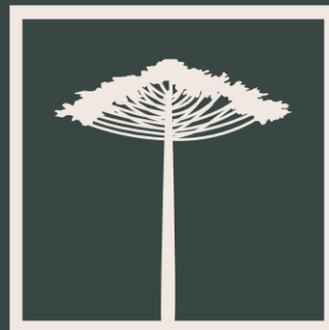
Fonte: Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul.

Autor

Rafael Lisboa Grazziotin é natural de Vacaria/RS. É Historiador e Pesquisador no Museu Municipal de Vacaria/RS. Formado em História e Filosofia pela Universidade de Caxias do Sul/UCS.

Ilustradora

Dyene Corrêa Nogueira é natural do Rio de Janeiro. Possuindo graduação em Design (2017), começou a estudar Desenho Artístico durante a infância, o que despertou sua paixão por Arte. Mais tarde, ministrou workshops e oficinas de Desenho em cursos e na faculdade onde se formou. Após mudar-se para Vacaria/RS, em 2019, passou a trabalhar com encomendas de ilustrações e desenhos recebidas de todo o Brasil, e a fornecer cursos e aulas livres de Desenho na cidade. Além disso, produz sua Arte paralelamente, de forma independente. Suas principais influências são dos Mestres do passado, especialmente dos períodos barroco e romântico.



Vacaria: Origem e Povoamento abre um portal para um passado distante. Através de belíssimas ilustrações que permitem uma exploração dos limites da realidade e do tempo para acessar uma parte da história da cidade e região quando ainda não havia registro fotográfico, transformando a leitura em uma busca para compreender como era a vida no Planalto há mais de duzentos anos atrás.